

ENTRE A CRÍTICA E A
POETISA: ENTREVISTA DE
MARIA LÚCIA DAL FARRA

*BETWEEN THE POET AND
CRITIC: INTERVIEW WITH
MARIA LÚCIA DAL FARRA*

Concedida a Fabio Mario da Silva¹
(USP/FAPESP)

A Professora Doutora Maria Lúcia Dal Farra, com titularidade pela Universidade Federal de Sergipe e consultora *Ad Hoc* do CNPq, é um nome consolidado no ensino universitário no Brasil e um nome frequentemente citado em muitos trabalhos acadêmicos no exterior. Suas publicações tornaram-se referências em vários concursos de agregação e provas de acesso a cursos de pós-graduação, como, por exemplo, *O Narrador ensimesmado: o foco narrativo em Vergílio Ferreira* (Ática, São Paulo, 1978) – leitura obrigatória na seleção para o mestrado na área de estudos literários na Universidade Estadual da

¹ Pós-doutorando da USP como bolseiro da FAPESP. Investigador do CLEPUL e CEC da Universidade de Lisboa, pesquisador do CNPq.

Paraíba, em 2012 – ou *Trocando Olhares* (Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Lisboa, 1994) – obra obrigatória para as provas de agregação na Universidade de Paris, em 2002. Contudo, em 2012 foi revelada para o grande público uma outra faceta desta crítica que agora se afirma, definitivamente, como escritora, mais especificamente, como poetisa. Apesar de já ter publicado dois livros de poesia anteriormente – *Livro de Auras* (Iluminuras, São Paulo, 2002) e *Livro de Possuídos* (Iluminuras, São Paulo, 2002) – é em 2012 que Maria Lúcia Dal Farra ganha projeção nacional, e em todo o mundo lusófono, quando foi galardoada com o prêmio Jabuti na categoria de melhor livro de poesia do ano, com a obra *Alumbramentos* (Iluminuras, São Paulo, 2012).

Esta entrevista visa saber como Maria Lúcia Dal Farra crítica vê e se relaciona com sua face de poetisa, bem como compreender as diferenças fundamentais entre sua obra premiada e suas obras de estreia.

Como a crítica e os leitores receberam suas duas primeiras obras em verso, Livro de Auras e Livro de Possuídos, e qual a diferença dessa recepção em relação à de Alumbramentos?

- A única diferença é que desta vez cheguei até a levar bordoadas... coisa que nunca tinha me acontecido antes. Como a gente fica mais exposta quando recebe um prêmio divulgado e expressivo, as pessoas querem se manifestar, pra bem ou pra mal. Todavia, não desgosto de ser visada desse jeito, uma vez que só assim você pode ter verdadeiramente a dimensão de como se comunica com os seus leitores.

O início do seu trabalho como poetisa coincide com o de crítica literária? Se sim, a que atribui essa coincidência; se acaso não, fale um pouco desse processo antagônico.

- Não coincide no tempo. Como desde muito cedo leio sem parar, escrevo poesia desde pelo menos o início da minha adolescência. Fui estudar Letras para ver se compreendia o que se

passava comigo, mas ainda não me dei por satisfeita - o que é ótimo, porque não paro nunca.

Também não acho que se trata de um processo antagônico, como você sugere. Crítica e produção literária se complementam, e uma não anda sem a outra; aliás, uma se ressentida da ausência da outra. Cada vez que estudo um texto alheio fico entendendo melhor aquilo que produzo, aquilo que está nos arredores e no próprio âmago do que me debato para criar. Acho, apenas, que arrumei desde cedo uma maneira de ser absolutamente feliz. O segredo é sempre a gente se manter com disposição de entrar em diálogo com tudo o que encontra – é o que passei a vida ensinando para os meus alunos. Você nunca fica só, porque vive em grande e vivaz comunidade com todos os escritores à mão ou *in absentia*.

Até que ponto a Maria Lúcia crítica se afasta, ou não, da Maria Lúcia poetisa, quando esta cria versos? Ou seja, até que ponto existe a preocupação com conceitos e estilos literários no momento da criação? E, se afastada nesse momento, virá, no entanto, mais cedo ou mais tarde, com a releitura de suas produções?

- Penso que a escrita da poesia é o lugar aonde estou mais uma na vida. Ali é um paraíso perdido que recupero quando nele me adentro então. Não sou mais só a professora ou a crítica ou a pianista ou a cantora ou a... sei lá mais o quê, pois que sou tantas. O meu leque de pessoas se fecha e ali descansa com toda a carga da inteireza, porque escrevo com absolutamente tudo o que sou, e inclusive com todos os dilaceramentos (que me juntam naquele momento), com todo o gozo e o sofrimento, com toda a ignorância e conhecimento, como se precisasse de mim toda para, em seguida, me despedaçar de novo, para recomeçar esse infundável processo que é o da vida, afinal.

A questão que me põe acerca de conceitos e estilos ou coisas oriundas da teoria: certamente estão ali comigo, mas não as seleciono naquele momento como prioridade, simplesmente porque não existe, digamos assim, uma hierarquia que rejeita a criação, e visto que não domino isso. Elas me chegam, suponho, quando me são

necessárias para seguir por um ou por outros caminhos. E podem me dizer, como o Zé Régio não gosta que digam – “vem por aqui!”. Acontece que também posso acabar não indo por ali. Tudo é outra coisa e tudo é muito provisório e mutável e errático nessas situações, pois há interferências impensáveis e improváveis – assim como aquilo que o Pessoa chama de “o homem de Porlock”. Ou seja, uma intromissão externa fortuita e repentina que muda totalmente o rumo daquilo que você escrevia.

Podemos encontrar nas suas obras várias alusões a outros escritores. Harold Bloom, em A angústia da influência, reescreve à luz das teorias Psifreudianas a história literária do complexo de Édipo; segundo Terry Eagleton, o que Bloom faz é demonstrar que “os poetas vivem preocupados à sombra de um poeta “forte” anterior a eles, como filhos oprimidos pelo pai, e qualquer poema pode ser lido como uma tentativa de escapar dessa “ansiedade da influência” pela remodelação sistemática de um poema “anterior”. Até que ponto esses escritores influenciaram e/ou ajudaram na composição da sua escrita poética?

- Suponho que eu seja filha de inúmeros pais, a perder de vista. Ou numa versão pior: que eu sirva a vários senhores e senhoras, e com muito prazer! Mas não me sinto oprimida por eles, ao contrário, eles me deixam sentar no colo, me acolhem no seu regaço, me mimam, me falam ao ouvido. E nem quero me libertar deles, dessa “ansiedade de influência”: quero sofrê-la sempre. Esse é o lugar onde sou mais feliz, como se ainda permanecesse numa infância mítica e gozosa, porque estou sempre aprendendo e ouvindo palavras outras que me botam de uma nova maneira, que me reviram de registro.

E é assim: a minha escrita nasce desse contato com a leitura deles. Tenho sempre algo a dizer a respeito do que eles me dizem, e é assim que começa essa infindável e dolorosa delícia que é escrever, e essa camaradagem entre nós, essa cumplicidade, que não leva em conta o tempo ou quaisquer outros tipos de contingência. Estamos todos juntos, laborando no mesmo.

Depois do prêmio Jabuti tenciona se dedicar mais à criação artística, ou continuará empenhada na pesquisa acadêmica? Podemos esperar futuras obras narrativas (contos, romances, novelas) ou você pretende continuar somente com a produção de versos? Seja qual for sua resposta, por favor explicitite.

- Sempre continuo empenhada na pesquisa, porque, como disse, não divorcio uma atividade da outra. Uma é a fome e a outra é a vontade de comer. Quando estou estudando o faço em meu próprio benefício, portanto. Sou sempre eu quem ganha primeiro.

Não penso que serei capaz de escrever um romance, muito embora até quieria transformar a minha experiência de vida em alguma coisa do gênero – mas não ia me conformar em não ser uma Emily Brontë, por exemplo...

Tenho muita vontade de escrever um livro de poemas em prosa. Ando matutando a respeito, mas não sei pra que lado vou. Como diz a Florbela, o pássaro está na muda por enquanto.

O que Alumbramentos traz de contributo à literatura brasileira contemporânea? Ou seja, quais os aspetos singulares desta obra, em comparação com outras suas contemporâneas, que crê terem contribuído para ser galardoada com o prêmio Jabuti?

- Aí já é muita pretensão minha falar a respeito, e não sou nem um pouco presunçosa. O livro não passa de uma releitura (no meu diapasão) de muitos autores (cada capítulo indica um, não necessariamente de letras mas também das artes plásticas). Isso parece ambicioso, mas o leitor não tem necessariamente que conhecer a todos esses meus interlocutores porque (espero) cada poema deve falar por si só.

Agora, essa história de ganhar prêmio não quer dizer muita coisa. Acho que é um acaso que esse livro tivesse sido galardoado. Fiz parte de vários e diversos júris de prêmios literários e não me iludo – há sempre arbitrariedades e no fundo é sempre um “jeu de dés”, um jogo de azar.